

CÉSAR PAES E MARIE CLÈMENCE:
 IMAGENS DE ESVAZIAR
 OS OLHOS

Angano... Angano...

Numa beira de rio, as crianças lavam a louça. Não fosse a técnica diferente e divertida da menina, que areia a panela com o calcanhar, a cena cotidiana malgaxe seria absolutamente corriqueira. O momento se estende na tela, encaixando-se suavemente no conjunto de imagens e falas de *Angano... Angano...* Por meio desse imediatismo, dessa simplicidade, o filme nos ensina a ter paciência. César Paes é, como boa parte dos personagens que nos apresenta, um narrador. É preciso que tenhamos tempo para compreendê-lo, para que a tessitura da narrativa complete suas sugestões de um jeito contemplativo, próximo ao que Bazin flagrou nos neo-realistas que, segundo ele, filtravam para nós a realidade, dispondo-a como as pedras de um rio, que só se oferecem como caminho de passagem a quem se dispuser à travessia.

Numa próxima cena (ou pedra), a câmera de Paes nos apresenta um senhor, já idoso, falante, reflexivo e excelente narrador. Ele começa afirmando que os *homo erectus* da ciência ocidental não desapareceram, mas, sim, tornaram-se invisíveis e são aqueles seres de forma humana, mas com os pés virados ao contrário, que vivem em Madagáscar. Ele passa então a palavra a sua esposa, que nos conta que um dia, quando era menina e lavava a louça no rio, viu dois desses seres. Sua descrição desse encontro é muito viva e detalhada. Afinal, não é todo dia que essas coisas acontecem.

Essa roda de conversas e histórias nos faz olhar para trás e rever a cena tão cotidiana de logo antes. Talvez nada seja tão simples e imediato. Ou, quem sabe, tudo, o visível e o invisível, é de fato simples, apesar de nossa pouca compreensão. É a perambulações assim, do jeito de ver e entender, que o filme nos convida, costurando imagens do cotidiano com os fios de prosa e mitologia dos malgaxes.

Aos Guerreiros do Silêncio

Aos Guerreiros do Silêncio, a certa altura, nos oferece imagens arrasadoramente impressionantes das imensidões geladas

da Lapônia. Aqui o caminho é oposto: esse "outro mundo" é trazido para perto. A montagem vertical sobrepõe aos ventos gelados o *jojks*, a forma de canto e narrativa dos lapônios, marcando a natureza como natureza em função do homem. A beleza plástica da fotografia, que poderia se prestar a uma fetichização de cartão postal, é utilizada em função da busca de compreensão da situação humana. Esse modo de composição alcança, em certos momentos, uma profundidade que dá à imagem documental a densidade de um emblema. No outro eixo da montagem paralela, por exemplo, em que acompanhamos a vida na floresta amazônica, há uma imagem de uma índia atravessando uma rodovia, onde surge repentinamente um automóvel, vindo "de dentro" do próprio plano, de um declive da estrada oculto pela filmagem em teleobjetiva. Imagens que valem por rios de tinta.

Essa alternância entre Amazônia e Lapônia multiplica o esforço sutil de César Paes e Marie Clémence, sugerindo que, quer se criem renas ou se pesquem pirarucus, o homem e sua relação com a natureza dependem das transformações históricas. Dessas reflexões participam os próprios personagens do filme, que apresentam suas opiniões sobre as mudanças que o confronto com a civilização ocidental provoca em sua cultura. As histórias que os *saami* e os índios amazônicos contam a si mesmos ainda são fundamentais, mas seu sentido muda conforme muda o mundo onde são contadas. Os *jojks* já não servem para a identificação ao longe de um conhecido que venha atravessando a estepe, agora cruzada rapidamente por motos de gelo; os mitos indígenas agora são contados e "preservados" numa escola.

Um autor se define por um modo particular de nos fazer olhar as coisas. César Paes, sempre em colaboração ou parceria com Marie Clémence, nos faz olhar os homens longamente, sem pressa de entendê-los. É um exercício de olhar simples, desse tipo de simplicidade conquistada por um árduo artesanato, que deixa suas marcas nas sutilezas do ritmo de montagem e composição fotográfica. Só por esse longo esforço cinematográfico o olhar que esses filmes nos oferecem obtém o direito ao contracampo daquela senhora que, no epílogo de *Aos Guerreiros do Silêncio*, nos olha da tela e pergunta: "E agora, aonde vamos? Sobre o que vamos especular?".

